

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
FILMar – DIA NACIONAL DO MAR
16 de novembro de 2021

A ENTREGA DO CONTRA-TORPEDEIRO DOURO AO GOVERNO NA PRESENÇA DE NAVIOS DE GUERRA ALEMÃES E INGLESES / 1936

Um filme de Salazar Diniz

Realização: Salazar Diniz / **Fotografia:** Salazar Diniz / **Produção:** Secretariado de Propaganda Nacional / **Cópia:** em 35mm, da Cinemateca Portuguesa / **Duração:** 4 minutos.

ERAM DUZENTOS IRMÃOS / 1952

*Um filme de Armando Vieira Pinto
(Fernando Garcia, Constantino Esteves)*

Realização, Argumento, Direcção Artística, Sequência e Diálogos: Armando Vieira Pinto / **Fotografia:** Salazar Diniz, Aurélio Rodrigues, Mário Moreira, João Moreira, com algumas tomas de Aquilino Mendes / **Fotógrafo de Cena:** João Martins / **Música:** Jaime Silva (filho) / **Canções:** Frederico Valério / **Versos:** José Galhardo / **Cenografia:** Rui Couto, Manuel de Lima / **Montagem:** Constantino Esteves / **Som:** Henrique Dominguez, Luis Barão, Augusto Lopes / **Assistentes de Realização:** Alfredo Caldeira, Vítor Costa, Fernando Cerdeira, Baía dos Santos / **Interpretação:** Lucília Simões (D. Branca da Silveira), Alda de Aguiar (Maria Rosa), Fernanda Peres (Joaninha), Manuela Arriaga (Carmo), Vasco Santana (Fernão Mentos Minto), Humberto Madeira (Pato Bravo), Eugénio Salvador (Safa Rascadas), Alves da Costa (Comandante da Escola Naval), Abílio Herlander (Rui), Rui de Carvalho (António), Carlos José Teixeira (Pedro Manuel), Arnaldo Gomes (Anjinho), Silva Araújo (Médico), José Passos (Comandante da "Sagres"), Elmer Ascensão (Carlos), Armando Ferreira (Tenente Sousa Nunes).

Produção: Armando Vieira Pinto / **Estúdios e Laboratórios:** Tobis Portuguesa / **Distribuição:** Imperial Filmes / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, 35mm, preto e branco, 94 minutos / **Estreia:** Politeama (Lisboa) e Batalha (Porto), a 20 de Março de 1952.

"*Só quem tenha posto a 'mão na massa', como costuma dizer-se, pode medir o esforço de Armando Vieira Pinto ao transformar o que todos supúnhamos uma derrota definitiva no que pode chamar-se uma vitória magnífica. Eu, que já pus várias vezes as 'mãos na massa', posso compreendê-lo*". Estas palavras de um homem do ofício como Arthur Duarte, colhidas na estreia do filme, põem imediatamente o dedo na ferida: **Eram Duzentos Irmãos** foi inicialmente dirigido por Fernando Garcia, que

abandonou, depois prosseguido por Constantino Esteves, que fez a sua montagem, e apresentado por Armando Vieira Pinto, produtor e alma da obra, que assina o que convencionou chamar-se "direcção artística". O filme pode, de resto, considerar-se saído das suas mãos, sobretudo porque foi ele que o concebeu, que o escreveu, que o produziu e que o levou ao porto da estreia, podendo quase considerar-se um *producer* à maneira americana que um produtor português do Lumiar. E as palavras de Arthur Duarte tinham razão, pois Armando Vieira Pinto transformou o quase desastre, o próximo do zero, numa coisa palpável e projectável: um filme.

Do que foi a participação dos cineastas, falam as crónicas: Fernando Garcia dirigiu as sequências a bordo da "Sagres" e na Escola Naval, cabendo a Constantino Esteves o resto das sequências previstas no guião de Vieira Pinto. E desde já se pode afirmar que o trabalho de Fernando Garcia é o mais cinematográfico e o de maior impacto visual, pois a "Sagres" avulta com facilidade diante de qualquer objectiva e o sentido documental do cineasta (como ficara provado em **Heróis do Mar**) apura pela beleza da imagem, a encenação das sequências passadas no velho e glorioso navio-escola.

Fita por conseguinte descosida, sofrendo nas diferentes mãos que nela mexeram, **Eram Duzentos Irmãos** tem sobretudo interesse histórico e documenta o pendor romântico-popular do nosso cinema, pouco virado, ai dele, para o mar e para os marinheiros. Só por isso me parece simpático, mesmo tendo em conta as facilidades e transigências do argumento, pouco digno do homem que já nos dera **Fado e Não Há Rapazes Maus**. E há ainda Vasco Santana, mal aproveitado, e Eugénio Salvador, e dois jovens que dariam cartas mais tarde, Rui de Carvalho e Carlos José Teixeira, bem como a cara bonita de Fernanda Peres, de quem ouço falar há muito tempo e que cantava, com o jovem Abílio Herlander, mais alguns fados e canções do mestre Frederico Valério, que também pelo lado musical se ganharam aqui alguns pontos.

Foi um filme que, no seu tempo, a "Flama" de Frei Diogo Crespo acarinhou e promoveu, esperançada na presença de alguns jovens intérpretes e nas tradições da nossa Marinha, especialmente dos seus cadetes e do romantismo que suscita, então como hoje, a Escola Naval.

Tudo isto misturado com os versos do Dr. José Galhardo, as piadas e os gestos de Vasco Santana, Eugénio Salvador e Humberto Madeira, formas que já eram, nessa época, cada vez mais lugar comum e convenção.

Como tentativa de fita romântico-musical ao jeito de "Paixão de Marinheiro", havia à partida o benefício da dúvida, mas a realidade destruiu-o: só as velas da "Sagres" ainda são verdade.

Luís de Pina

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico